



GABRIELA ROMEU

ÁLBUM DE

FAMÍLIA

40 ANOS DA TRUPE FAMILIAR

CARROÇA DE MAMULENGOS

PORTA-RETRATOS

UMA FAMÍLIA DE SABEDORIA BRINCANTE

Chico César

É compositor, cantor e escritor nascido no município de Catolé da Rocha (PB). É amigo da família Carroça de Mamulengos, que já incursionou com o músico paraibano pelo Brasil.

Carroça de Mamulengos é uma das mais importantes companhias culturais do Brasil. Uns dirão que é folclore. Eu digo que é sabedoria brincante apoiada em arte burilada na tradição movente dos saltimbancos de todos os tempos e todos os lugares – desde os mais remotos idos protoeuropeus até nosso fugidio presente. São atores, cantores, músicos, acróbatas, equilibristas para quem a origem popular e o autodidatismo não empanam o rigor nem a visão crítica a respeito do próprio trabalho. Tampouco, o que é raro hoje, de sua inserção no momento histórico e no ambiente social em que estão inseridos. São um grupo de intervenção, assim como os Fura del Balls da Catalunha

ou a turma do Teatro Oficina de São Paulo. Uma família sob o signo de Gêmeos que trabalha signos do passado, no presente, para compreender e interferir na chegada do futuro. Práxis da contemporaneidade nas ruas de um país que tem dificuldade de autoconhecimento e de autoaceitação. Em incessante fluxo, por onde passam deixam pistas. Códigos. Decifrá-los é a questão. Chegará mais perto quem atravessar a névoa *naïf* e paternalista que costuma separar plateias urbanas e artistas populares. Este verá que, enquanto passam velozes os carros importados em nossas esburacadas estradas que levam à construção da identidade, a Carroça em seu próprio ritmo passa e fica. Permanece.

Para escutar enquanto lê











A TRUPE FAMILIAR CARROÇA DE MAMULENGOS

Com quarenta anos de estrada, o grupo Carroça de Mamulengos descende de artistas populares que há séculos vivem a tradição da arte nas ruas, das trupes itinerantes medievais, entre saltimbancos, menestréis e bufões, com a praça como ponto de encontro de um fazer artístico genuinamente vivencial.

A companhia faz da vida a própria arte. Crescer, brincar, estar em cena, ser no mundo, tudo se mistura sob uma mesma lona, habita a mesma praça onde o grupo desembarca enredos e brinquedos. Há décadas os integrantes celebram, em muitos rincões do país, a arte da (con)vivência. Andarilho por convicção, Carlos Babau, o pai, criador da Carroça de Mamulengos nos anos 1970, depois de descobrir no teatro uma forma potente de narrar a própria vida, ainda hoje é firme em dizer: “Não vou aonde o povo está, vivo onde o povo vive”.

Em parceria com a atriz Schirley França, pegou a estrada com destino ao Brasil profundo, em busca da arte popular, com seus valores mais genuínos e libertários. No caminho, nasceram os oito filhos, alfabetizados pela mãe, criados na pedagogia do folgado,

com os ensinamentos dos muitos mestres da cultura popular – repentistas, cantadores, violeiros, rezadores, aboiadores, rabequeiros, bonequeiros, pifeiros, mamulengueiros, benzedores. “Nossa brincadeira é uma antropofagia”, celebra o pai, fazendo referência ao Movimento Antropofágico dos modernistas, forte inspiração para sua assimilação de culturas populares.

Autodidatas por convicção, os pais deram aos filhos um ofício, um outro tipo de diploma. Criada em muitas praças, a trupe familiar é de multiartistas – palhaços, atores, bonequeiros, artesãos, contorcionistas, músicos e poetas. A rua, o picadeiro ou o palco sempre foram extensões da própria morada, e vice-versa. Em suas brincadeiras, como batizam os espetáculos, trazem as peripécias das estradas, das feiras, das romarias. No entanto, mais que fazer uma brincadeira bonita, eles querem embelezar os locais por onde quer que passem, seja na agitação de uma grande cidade, seja numa praça no fim do mundo. “O que pode ser mais belo que sonhar que todos tenham vida em abundância?”





O PAI ANUNCIA UM SONHO

Carlos Gomide

Mamulengueiro, cameloturgo

Nasceu em 1955

Rio Verde (GO)



Tudo começou na infância de um menino órfão de mãe já nos primeiros dias de nascido, criado pelos avós. Carlos Gomide nasceu em Bom Jesus de Goiás, um arraialzinho da cidade de Rio Verde, no interior de Goiás. Foi na infância pé na roça que aprendeu os saberes do chão, pendurado nas árvores do cerrado. Já crescido, com dez anos de idade, rumou para Uberlândia (MG), onde passou a viver os ensinamentos das ligas camponesas, numa casa silenciosa, onde se escondiam presos políticos durante os tempos da ditadura. Foi assim, entre as práticas da agricultura de subsistência vividas na casa dos avós paternos, o “pedacinho do Éden” de seus primeiros anos de vida, e os aprendizados de resistência e luta na casa dos avós maternos, militantes, onde a vida fazia sentido enquanto busca de justiça social, que o menino se criou. Cresceu ouvindo histórias dos heróis que admira: cangaceiros justiceiros como Lampião e sonhadores incorrigíveis como Dom Quixote. E viu, então, nascer um sonho, o mesmo que persegue até hoje: sair pelo mundo, transformando o que há em volta.





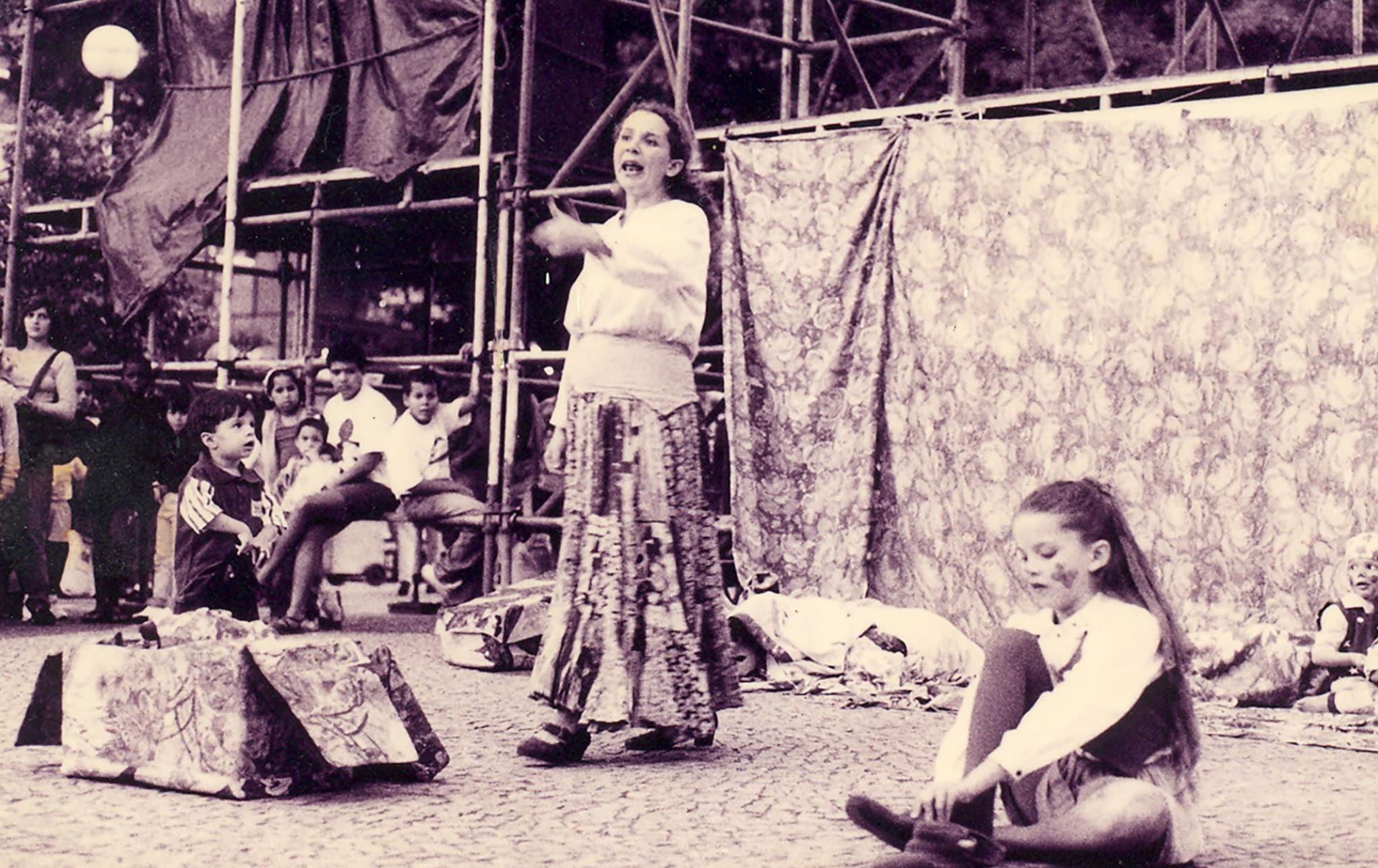
OS PRIMEIROS INTEGRANTES DA FAMÍLIA

Os bonecos

De mãos, de vestir, gigantes, de sombras, de vara e com fios
Alguns com mais de quarenta anos
Nascidos em muitos lugares do Brasil

Na caminhada de Carlos Gomide, assim que deixou para trás seu quintal de infância, logo surgiram os primeiros integrantes da família, seres de uma infinidade de formas: os bonecos. Primeiro, os mamulengos, esculpidos no mulungu, muitos deles guardados ainda hoje em grandes baús, apesar das tantas andanças. Ali está o primeiro filho de seu terno de mamulengos: Benedito, boneco de mais de quarenta anos, presente do mamulengueiro paraibano Antônio Alves Pequeno, Antônio do Babau, mestre com quem conviveu no fim dos anos 1970 e de quem herdou o nome artístico, Carlos Babau, uma permissão para levar a brincadeira mundo afora. Com o tempo, outros bonecos chegaram: de mãos, de vestir, gigantes, de sombras, de vara e com fios. Nessa família brincante tão diversa, os bonecos feitos com materiais orgânicos, como cabaças, sementes e sisal, tingidos com pigmentos naturais, logo chamam atenção. É assim feita Felicidade, um desses seres de cabeça de cabaça, nascida no começo dos anos 1980. É parceira do palhaço Alegria, que tem um palco cravado no peito, do qual Babau tira muitas brincadeiras, histórias e sonhos.





UMA FAMÍLIA DE SONHOS BRINCANTES

Schirley França

Brinca com as bonecas Felicidade e Mariama

Nasceu em 1964

Taguatinga (DF)

Até 1982, Carroça de Mamulengos era uma trupe de um homem só, carregado de bonecos reunidos pela estrada. Até que Carlos Gomide, já conhecido como Babau, encontrou uma parceira com sonhos brincantes, Schirley França, nascida e criada no Planalto Central, em Taguatinga. Nascia uma trupe, uma família. A contragosto dos pais da moça, que já na escola se enveredara pelos caminhos do teatro, os dois saíram pelo mundo, numa vida de muitas travessias e poucas paradas. Atriz, bonequeira e contadora de histórias, Schirley alfabetizou os oito filhos. A cada dois anos aproximadamente, a barriga crescia anunciando a chegada de uma nova criança – ou duas, no caso dos gêmeos e das gêmeas. “Enquanto dava de mamar a um, nascia outro.” E assim o casal criou uma escola em que a sala de aula era a estrada, e a matéria principal do aprender era o próprio viver. Descobrir as letras e os números era tão importante quanto preparar a mesa e fazer o pão para a mãe, que, ainda jovem atuante nos movimentos estudantis, gostava de brincar de ensinar.





GUARDIÃ DE HISTÓRIAS

Maria Gomide

A palhaça Minha Flor

Nasceu em 1984

Natal (RN)



Maria Gomide escolheu sua hora de nascer: em meio a um festival de teatro, em Natal (RN), onde os pais se apresentavam. Com dias de vida, já ganhava o mundo – e para sua cidade natal nunca mais voltou. A primogênita dos Gomide ajudou a criar os sete irmãos e hoje é mãe de Ana Gomide, herdeira da burrinha Fumacinha. Dos irmãos, foi a que mais conviveu com a arte das ruas. E é com brilho no olhar que ela se lembra dos artistas populares, verdadeiros mestres, os quais encontrou por onde passou. Um deles foi Jamelão, artista circense que fez números perigosos de pirofagia (arte de manipular o fogo no picadeiro) para garantir lugar no picadeiro, com quem aprendeu a arte do contorcionismo. No largo da Carioca, no Rio de Janeiro, conheceu sr. Alexandre, artista de rua que vivia de rodar chapéu ao passar horas na praça envolvendo o público num número de amarras e nós. Mestre Margarida, com quem dividiu o quarto numa temporada em Juazeiro do Norte, ensinou a força do cantar quando participava do grupo As Guerreiras de Joana D’Arc, o mesmo que Maria, já adulta, resgatou e no qual hoje sua filha já brinca.



A POESIA DO SERTÃO

Antonio Gomide

O palhaço Aleluia da Floresta de Meu Bem

Nasceu em 1987

Crato (CE)

Segundo filho da família Gomide, Antonio ganhou do pai o batismo circense de Aleluia. Já crescido, deu sobrenome a seu próprio palhaço, virou Aleluia da Floresta de Meu Bem – alusão ao desejo de verdejar os muitos sertões por onde já passou. O menino, que desde muito cedo aprendeu a falar e também a versar, é hoje agroflorestor, além de palhaço, pifeiro, compositor e poeta inspirado num genuíno versador sertanejo, Patativa do Assaré. Sim, a poesia do sertão permeia a estética e a dialética da trupe Carroça de Mamulengos, em brincadeiras e canções, enredos e bonecos. O sertão “é lugar de comunhão”, onde o povo se sente mais próximo de símbolos universais, e resiste a ideia de pertencimento a um lugar, de laços de compadrio, de saberes populares sobre as predições das chuvas ou o florescer dos mandacarus. Terra fértil para os Gomide, que há quatro décadas percorrem rotas dos muitos sertões brasileiros, fonte que germina nos versos de Antonio, assim como nos bordados de Idália Campos, sua companheira. E, em todo gesto e cada palavra dos pais, convictos de que está ali, no sertão, o fermento da transformação da vida.





UMA FAMÍLIA DE FAZERES SEM FIM

Francisco Gomide

O palhaço Alecrim

Nasceu em 1989

Juazeiro do Norte (CE)

Francisco Gomide é percussionista, palhaço, bonequeiro e cenógrafo. Menino quieto, um tanto lento, levava às vezes um beliscão em cena para ficar atento. Demorou a falar. E sempre foi um exímio artesão, inventor nato a narrar histórias mil com as traquitanas que saem de suas mãos. Com coisas que caça aqui e ali, no quintal do mundo, remenda lamparinas, cria um instrumento de percussão inusitado (em formato de ovo!) e improvisa telas para projetar sombras nos espetáculos. Ainda pequeno, quando tinha que acordar cedo demais, inventava dormir vestido, sapatos calçados, pasta de dente ao lado. Foi criado num aprendizado guiado pela observação e pela prática, permeado por muitos fazeres. Assim, ao lado do pai bonequeiro, aprendeu a preparar a cabaça para criar bonecos, a construir os cenários das histórias da trupe, a fazer brinquedos como rói-rói, mané-gostoso, corrupio e traca-traca. Assim, ao lado da mãe professora, aprendeu a sovar o pão, a ralar o milho da pamonha, a pilar a paçoca e a assar o bolo de aipim, entre outros saberes cultivados em família. "Aqui em casa, sempre tem alguém fazendo alguma coisa. Somos de fazeres sem fim", conta a irmã mais velha.





O CIRCO NO CENTRO DO MUNDO

João Gomide

Palhaço Tetéu

Nasceu em 1992

Brasília (DF)

João Gomide nem era nascido ainda quando os pais encontraram nas terras de padre Cícero, em Juazeiro do Norte (CE), mestre Zezito montado numa bicicleta, em meio a uma romaria, depois de ouvir um chamado do casal numa rádio local – “Queremos conhecer os artistas da terra”. Mestre Zezito, o palhaço Pilombeta, logo se apresentou. E todo um sonho de picadeiro nascia ali, naquele encontro que introduziu os Gomide ao universo circense. Com mestre Zezito, aprenderam a andar nas pernas de pau e no monociclo, a desvendar números de mágica e a praticar as tradicionais entradas de palhaço. Assim, João, ao nascer, logo foi também batizado de palhaço Tetéu, nome de um passarinho que canta intermitentemente para zelar por seu ninho, por seu território. É uma espécie de zelador dos papéis e contas da família esse filho do meio, também o mediador de conflitos e arengas. Está sempre às voltas de Maria. São os irmãos João e Maria. A irmã mais velha brinca que o irmão já nasceu velho – ou sabedor de coisas de outros tempos. Talvez por isso já soubesse o que responder quando, aos quatro anos de idade, sobre as origens de sua família foi questionado: “Nós somos do mundo”. Nesse mundo dos Gomide, o circo tem a lona armada bem no centro.





CAMELOTURGIA, A NARRATIVA DAS RUAS

Pedro e Mateus

Os palhaços Latinha e Birico

Nasceram em 1995

Fortaleza (CE)

Não é fácil acertar quem é Pedro e quem é Mateus, gêmeos univitelinos que em cena esbanjam cumplicidade com o nariz vermelho dos palhaços Latinha e Birico. Assim como os irmãos mais velhos, a dupla aprendeu a comandar a brincadeira numa espécie de “cameloturgia”, a dramaturgia inspirada na oralidade popular dos camelôs, vendedores ambulantes nas muitas esquinas do mundo. O “cameloturgo” é aquele que desenrola a língua das ruas, uma sabedoria milenar, proveniente da Idade Média. Na roda, dizem os Gomide, tudo é permitido: contar a história de Dom Quixote, falar da Revolução Francesa, cantar uma música de Beethoven. O segredo é aglutinar pessoas e manter os ouvidos despertos para o que se vai narrar. Mais recentemente, o pai cunhou outro termo para melhor apresentar sua brincadeira: “folguedoturgia” – ou seja, um teatro que se inspira na linguagem poética dos mamulengos, dos reisados e dos bois, entre tantos outros brinquedos. “Hoje eu vou brincar!” Assim, os integrantes da trupe seguem dizendo – dia sim, dia também.





PEDAGOGIA DO BRINQUEDO

Isabel Gomide

Palhaça Bicota

Nasceu em 1998

Brasília (DF)

Um mundo de bonecos povoou a infância de Isabel Gomide, assim como a de seus irmãos. Ainda pequena, a menina que vive a inventar universos desenhados muito brincou de galopar na burrinha Fumacinha, acelerar no bode Pinote e vocalizar bééé no carneirinho Belém, seguindo um rito de passagem envolvendo esses e outros bichos-bonecos, como o tamanduá Meleta, o dragão Xodó e o boi Estrelinha, mestres em introduzir os irmãos nas artes de se movimentar pelo palco, soltar a voz e se comunicar com o público. Se Luzia, sua irmã gêmea bivetelina, brincava Miota (a gigante de vestir), era Isabel quem admirava de fora os movimentos da boneca espevitada. Foi assim criada na base da pedagogia do brinquedo, numa escola de bonecos que surgiam das mãos do pai e das costuras da mãe. O principal espetáculo-escola que funcionou como palco por muitos anos (e é até hoje) foi *Histórias de teatro e circo*, uma brincadeira com personagens e cenas para narrar o próprio viver. Na bagagem artística da Carroça de Mamulengos, calcula-se a criação de um total de quinhentos bonecos, guardados (e alguns perdidos) em muitos lugares dos muitos caminhos. Os mesmos caminhos que hoje Isabel, já moça crescida, ajuda a traçar em seus desenhos com tintas feitas de terra – seu jeito genuíno de rascunhar um mundo todo seu.





HISTÓRIAS DO IMAGINÁRIO FAMILIAR

Luzia Gomide

Palhaça Santinha

Nasceu em 1998

Brasília (DF)



Luzia Gomide cresceu fascinada com as histórias que ouvia os pais contarem à noite (ou durante o dia), onde quer que fosse o pouso ou o paradeiro da família. As histórias de boca, muitas delas inventadas por Carlos Babau, sempre se misturavam com outras saídas dos livros da biblioteca particular (e itinerante) dos Gomide – vale dizer que sempre carregaram nas bagagens, cheias de cenários, figurinos e bonecos, os livros. Aos ensinamentos de mestres do caminho, do poeta Gentileza ao rabequeiro cego Zé Oliveira, sempre se mesclaram a prosa sertaneja do escritor João Guimarães Rosa ou os ensaios aguerridos da filósofa Simone Weil. A imagem do pai com um livro nas mãos é sempre lembrada pelos filhos, criados também como autodidatas, cada um em busca de desenvolver as próprias habilidades. O fazer, no entanto, nunca foi dissociado do pensar, já que era hábito da família se reunir em roda para falar de filosofia, história, política e matemática... Luzia, a caçula, cultivou o dom das histórias. Gosta de inventar muitos mundos em palavras, assim como sua irmã gêmea, Isabel, criadora de diversos outros universos em cores.





O ÔNIBUS-CASA DOS GOMIDE

Brasilino

Modelo 1967

Presente de um amigo, doado em 2000

Destino: Brasil

Luzia: "A melhor sensação da vida sempre foi acordar com o dia amanhecendo dentro do ônibus e ouvindo o barulho do motor...". É assim que Luzia Gomide se lembra de Brasilino, o ônibus monobloco Mercedes, modelo 1967, que rodou muitas estradas do país carregando a trupe Carroça de Mamulengos. É do tipo "queixo duro", ou seja, daqueles sem direção hidráulica, em que é preciso uma força imensa para girar o volante. Missão para o valente motorista Mosquito, sertanejo franzino, fiel companheiro de aventuras da trupe pelo país. Com a imagem de padre Cícero na dianteira, Brasilino "fazia amizade" por onde passava. Sempre tinha alguém curioso em saber mais sobre o ônibus-casa dos Gomide, onde eles improvisavam o viver. Vez ou outra, enguiçava. No entanto, logo Mosquito dava um jeito de consertá-lo na gambiarra. Rodou Norte e Sul do país até 2014, quando um grave acidente na temida BR-070, no interior de Mato Grosso do Sul, tirou o veículo da pista. O ônibus, recém-reformado, bateu de frente com uma carreta desgovernada na estrada. Toda a família escapou com vida, exceto Brasilino, até hoje parado numa oficina. Dizem, contudo, que não é seu destino final. E que um dia ainda volta a pegar a estrada.

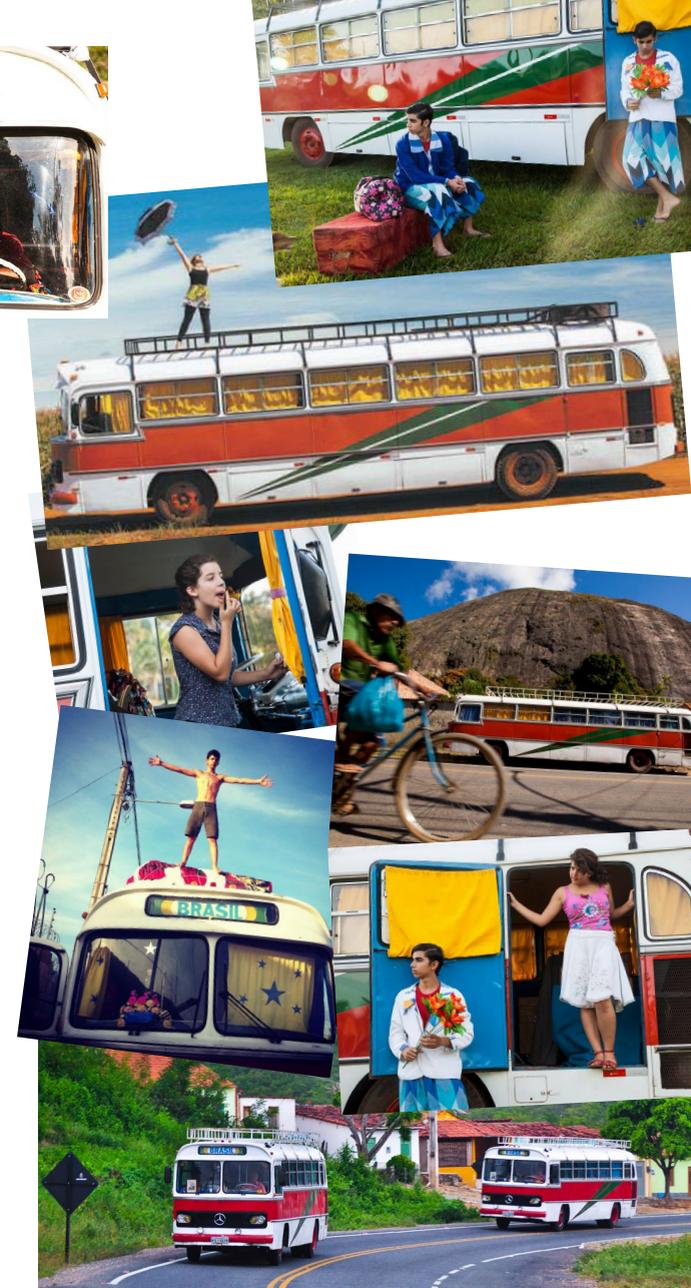
"Pano de rodar memória

Girando no picadeiro

Fazemos da praça mundo

E do mundo nosso terreiro."

(Versos de canção que finaliza o espetáculo *Pano de roda*)





O COMEÇO DA TERCEIRA GERAÇÃO

Iara Gomide

Palhaça Gugunga

Nasceu em 2012

Rio de Janeiro (RJ)

“Levante ê

Levante á

Soprou o vento

Nos cabelos de laiá.”

(Versos de canção que abre o espetáculo *Felinda*)

Iara Gomide abriu a terceira geração da família. Sangue estradeiro nas veias, ainda bebê pegou atalho por muitos rincões do país a bordo de Brasilino e hoje já corre em cena com o bode Pinote, seguindo a tradição do pai, Francisco. É na cacunda dele, como palhaço Alecrim, que ela entra em cena no espetáculo *Felinda*. Mas sua estreia aconteceu um pouco antes, ainda em *Pano de roda*, espetáculo em que entrava no colo da mãe, a bailarina carioca Elen Carvalho. Com os pais, tios e avós, no vai e vem da vida na estrada, já habitou muitos lugares temporariamente transformados em casa, cedidos generosamente pelos muitos “parentes” do caminho: galpão em construção, pátio de escola, camarim de teatro, quarto de hotel e interior de ônibus. Em todas as paradas, a pequena Iara cresce em meio a eterna rotina de montar e desmontar da lona estendida da trupe, sempre com muita roupa para lavar, muita comida para fazer, muitas caixas para empilhar. E sempre à procura de canto para as tantas caixas que nem sempre têm canto. Quase um milagre existir, diriam alguns.





NA PONTA DA LÍNGUA – E DOS PÉS

Ana Gomide

Palhaça Quinquinha

Nasceu em 2013

Rio de Janeiro (RJ)

“Minha Burrinha

Nasceu no Juazeiro

Ela é pequenininha

E já andou o mundo inteiro.”

(Versos da canção da burrinha Fumacinha)

Quando Carlos Gomide está por perto, todos sabem. É que seus assobios melódios avisam que está chegando. Ana Gomide, a neta caçula, filha de Maria Gomide e do fotógrafo cearense Samuel Macedo, responde de pronto, também assobiando. Juntos, sentados lado a lado, assobiam algumas canções clássicas, como Bolero, de Maurice Ravel. Desse modo, assobiando melodias, os filhos (e agora as netas) foram introduzidos ao universo musical, primeiro passo para depois escolherem seus instrumentos preferidos – há quem toque pife, flauta, sanfona e percussão. Ana também vive cantando – e rodopiando, pois sonha em ser bailarina. A menina, que entrou em cena ainda na barriga da mãe e cresceu mamando no palco, hoje brinca a burrinha Fumacinha, também brinquedo da infância dos tios e tias. Mas já mostra que cada geração tem lá sua inovação. É que a tradicional canção da burrinha já ganhou novos versos com a entrada de Ana em cena: “Ô, minha gente / vem ver como é/ A minha burrinha/ dançando balé”. Na burrinha, Ana rodopia graciosamente na ponta dos pés.





A ARTE NAS ESQUINAS DA VIDA

As histórias que os Gomide contam nos espetáculos se misturam aos enredos que a família vive nas andanças. *Mamulengo é terno divino* foi criado com os primeiros bonecos que o pai herdou de diversos mestres mamulengueiros, como Solón e irmãos Relâmpago, além de Antônio do Babau. Depois, com o nascimento de Alegria, o palhaço gigante, saíram os pais pelo mundo semeando brincadeiras, quando viviam de rodar chapéu, “ato heroico”. Então começaram a nascer os filhos. Para educar Maria e os irmãos em cena, os pais criaram *Histórias de teatro e circo*, espécie de “lavoura” onde brotaram novas brincadeiras. A cada novo filho, uma cena era criada. Um boneco diferente surgia. *Os afilhados do padrinho* afirma a devoção a padre Cícero, aquele que os ensinou a olhar com generosidade os excluídos, “náufragos da vida”. Quando a peça *Felinda* foi montada, os pais já estavam separados, a família dividida entre Nordeste e Sudeste. Mesmo assim, o pai acompanhou a montagem, criou a boneca Felinda, “nem feia nem linda”, inspirada nos muitos artistas circenses que sonharam com o picadeiro. *Pano de roda* é outra homenagem aos mestres do caminho, em especial ao palhaço Pilombeta, o saudoso mestre Zezito. *Janeiros*, sobre o forte desejo de seguir na estrada, marca a família dividida em núcleos artísticos menores, alguns descobrindo seus próprios muitos outros caminhos. “Viver de arte no Brasil é um ato de fé”, disse certa vez Maria Gomide, hoje a produtora que faz Carroça de Mamulengos seguir em frente, independentemente dos temporais na estrada.

Mamulengo é terno divino (1980)

Seja noite, seja dia, viva o palhaço Alegria (1982)

A engenhosa história da vida (1992)

Histórias de teatro e circo (1996)

Os afilhados do padrinho (2003)

Felinda (2010)

Pano de roda (2012)

Janeiros (2016)

Há Felicidade (2017)

O babauzeiro (2017)

Passarinhos (2018)









Copyright © 2019 texto Gabriela Romeu

Coordenador de pesquisa Daniel Dalle Molle de Carvalho

Coordenação geral Companhia Carroça de Mamulengos

Produção executiva Marcelo Manzatti

Redação e edição Gabriela Romeu

Fotógrafo Samuel Macedo

Editora Renata Farhat Borges

Ilustrações Catarina Bessell

Revisão Thais Rimkus

Design Gráfico (diagramação e capa) Márcio Koprowski

Assessoria de comunicação Comunica Brasil

Tratamento de imagens e revisão Editora Peirópolis

Fotografia Bené França, Daniela Quintete, Mauro Kury, Samuel Macedo, Helio Filho e arquivo pessoal do grupo.

Editado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

1ª edição, 2019



A gente publica o que gosta de ler: livros que transformam.

Rua Girassol, 310F | Vila Madalena | 05433-000 | São Paulo SP
tel.: (11) 3816-0699
vendas@editorapeiropolis.com.br
www.editorapeiropolis.com.br

Realização



Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal



Secretaria de Cultura e Economia Criativa



CONHEÇA O LIVRO



Entre o céu e a terra, cada um traça o próprio caminho, com um quinhão de esperança e o destino nas mãos. E, se cada história se faz de um jeito, é de vários jeitos que ela se conta.

Conheça no livro de Gabriela Romeu, com ilustrações de Catarina Bessel, as aventuras, memórias e efabulações da trupe familiar Carroça de Mamulengos!

Acesse a página do livro aqui!

